

Rediscutindo a nasalidade em Mehináku (Arawak)

Re-discussing nasality in Mehináku (Arawak)

Paulo Henrique Pereira Silva de Felipe
ORCID: 0000-0001-6607-5417

DOI: 10.26512/rbla.v16i1.55314

Recebido em novembro/2024 e aceito em dezembro/2024

Resumo

Neste artigo, rediscuto a questão da nasalidade na língua Mehináku (Arawak). Para isso, apresento exemplos de nasalidade fonética e fonológica nessa língua. A respeito da nasalidade fonética, defendo que seu espalhamento se dá da direita para a esquerda, ocorrendo, portanto, de forma regressiva, e atingindo vogais à esquerda de uma consoante nasal. A nasalidade fonológica, por sua vez, é também regressiva, e não considero que haja em Mehináku oposição entre vogais orais e nasais no sistema da língua. Acredito que a nasalidade fonológica é orientada pela perda de uma consoante nasal do Ataque silábico, que ao desaparecer deixou vestígios sobre as vogais das sílabas precedentes. A língua Mehináku pertence à família Arawak e é falada por um povo de mesmo nome, que vive atualmente no Território Indígena do Xingu.

Palavras-chave: Língua Mehináku. Língua Arawak. Nasalidade fonética. Nasalidade fonológica. Rediscutindo a nasalidade.

Abstract

In this paper, I re-discuss the process of nasality in the Mehinaku (Arawak) language. To do this, I present examples of phonetic and phonological nasality in this language. Regarding phonetic nasality, I argue that its spread occurs from right to left, therefore occurring in a regressive way, and reaching vowels to the left of a nasal consonant. Phonological nasality, in turn, is also regressive, and I do not consider that there is an opposition in Mehinaku between oral and nasal vowels. I argue that phonological nasality is guided by the loss of a nasal consonant from the syllabic Onset which, when it disappeared, left traces of nasality on the vowels of the preceding syllables. The Mehinaku language belongs to the Arawak family and is spoken by a people of the same name, who currently live in the Xingu Indigenous Territory.

Keywords: Mehináku language. Arawak language. Phonetic nasality. Phonological nasality. Re-discussing nasality.

1. Introdução

Neste artigo, discuto a questão da nasalidade em Mehináku, propondo uma análise alternativa, e ao mesmo tempo complementar, da proposta

de Corbera Mori (2009). Discuto tanto a nasalidade fonética quanto a fonológica nessa língua, apresentando pontos que convergem e que divergem da proposta do autor.

Em virtude da falta de documentação das línguas Arawak xinguanas, não há, atualmente, análises aprofundadas a respeito desse fenômeno em nenhuma das três línguas Arawak ainda faladas nesse território: Mehináku, Waurá e Yawalapiti. Desse modo, acredito esse trabalho poderá contribuir não apenas para o conhecimento mais aprofundado da fonologia do Mehináku, mas também para o entendimento da fonologia de suas línguas xinguanas irmãs, que, como têm mostrado os poucos trabalhos descritivos realizados, mantêm estruturas fonológicas e gramaticais parecidas (Carvalho 2016; Corbera Mori 2006, 2012; Mujica 1992; Myazaki 1965, 1966; Postigo 2014; Richards 1973, 1977, 1988, para citar alguns).

Tipologicamente, essa pesquisa contribui ainda para revelar que a direção do processo de espalhamento de nasalidade em Mehináku, que aqui proponho ser regressivo (divertindo parcialmente da análise de Corbera Mori, como argumentarei adiante), é compartilhada por boa parte das línguas Arawak (Aikhenvald 1999), que também parecem espalhar a nasalidade da direita para a esquerda. Isso aproxima o Mehináku desses idiomas no que se refere à manifestação desse fenômeno.

Corbera Mori (2009: 217) apresenta hipóteses tanto para a nasalidade fonética quanto para a nasalidade fonológica em Mehináku. De acordo com o autor, a nasalidade fonética na língua é progressiva, de modo que as vogais que são núcleos de sílabas (em negrito, a seguir) seriam nasalizadas da esquerda para a direita, por influência da nasal no Ataque (em sublinhado), como em [a' mĩnã] ‘frio’ e [ip'uiĩ tsai] ‘ovo de tartaruga’.

O autor apresenta, contudo, casos de nasalidade que não poderiam ser explicados por essa hipótese, e argumenta que eles são exemplos de nasalidade fonológica. Assim, para o autor, enquanto alguns casos podem ser explicados pela nasalidade fonética, via espalhamento do traço de nasalidade da consoante nasal do Ataque silábico, como vimos acima, outros precisam ser explicados a partir de uma proposta fonológica.

A proposta fonológica defendida pelo autor é a de que algumas vogais nasalizadas em Mehináku devem ser interpretadas como fruto do espalhamento do traço nasal de uma consoante nasal sem ponto de articulação, não licenciada para ocupar a posição de Coda dentro do

padrão silábico da língua. Uma vez que essa consoante nasal não pode ser licenciada porque a Coda na língua é proibida, ela não aparece na superfície, mas mantém vestígios de nasalidade que se espelhariam da direita para a esquerda (nasalidade regressiva), como nos exemplos: /kujuN'ti/ [kũjũ'ti] ‘testículo’ e /kuri'aNku/ [kuĩ'ãku] ‘coruja’ (Corbera Mori 2009: 219).

Além disso, ao propor uma análise para a nasalidade em Mehináku, Corbera Mori (2009) assume que em Mehináku existem fonologicamente apenas cinco vogais orais, já que suas correspondentes nasalizadas são derivadas via espalhamento do traço da consoante nasal mencionada anteriormente. Nesse ponto, o autor se distancia de Silva (1990), que ao tratar das vogais nasais em Mehináku, apesar de não discutir os tipos de nasalidade, assume que há cinco vogais inerentemente nasais nessa língua, são elas: /ĩ, û, ẽ, õ, ã/. Temos, portanto, duas posições em relação à nasalidade de vogais em Mehináku: a de Silva (1990), que reconheceu cinco vogais orais e cinco nasais como fonemas, e a de Corbera Mori (2009), que reconhece apenas cinco vogais orais, com base na hipótese que apresentei anteriormente.

Neste trabalho, em consonância com o que defendi em De Felipe (2020), apresento análises que se diferem e complementam as propostas de Corbera Mori, no que se refere ao fenômeno da nasalidade em Mehináku. Diferentemente do autor, por exemplo, defendo que não há dois processos de espalhamento de nasalidade em direções distintas, mas que tanto a nasalidade fonética quanto a fonológica são regressivas em Mehináku. Minha proposta é a de que as mesmas palavras apresentadas pelo autor seriam mais bem representadas da forma como segue: [ã'mĩna] ‘frio’ e [ipjũĩni tsai] ‘ovo de tartaruga’, em que a nasalidade atingiria os segmentos que precedem a consoante nasal que figura no Ataque da sílaba seguinte. Essa proposta leva em consideração algumas análises acústicas preliminares realizadas (cf. §3.1).

Para dar conta da argumentação que pretendo desenvolver nesse trabalho, o artigo está dividido da seguinte forma: em §2, apresento o povo Mehináku e sua língua. Em §3, apresento brevemente a fonologia da língua, em termos de seus inventários fonológicos, importantes para compreensão da nasalidade. Em §4, discuto os dados de nasalidade fonética (§4.1.) e fonológica (§4.2.) e apresento minhas propostas para esse fenômeno na língua Mehináku, seguidas das conclusões e das referências do trabalho¹.

1 Agradecimentos: Agradeço ao povo Mehináku, com quem tenho trabalhado nos últimos anos, sobretudo durante o doutorado, pela partilha e aprendizados. Agradeço também à Corbera Mori, cujo trabalho, ainda que com algumas análises eu tenha discordado, foi pioneiro no trabalho linguístico recente com o povo Mehináku e Waurá.

2. O povo Mehináku e sua língua

Os indígenas Mehináku (ou *imiehünaku*, como eles se autodenominam) falam uma língua de mesmo nome, pertencente à família linguística Arawak (ou Aruák). Esse povo vive nas proximidades do Rio Kurisevo, no Território Indígena do Xingu, no estado de Mato Grosso, Brasil.

A população, estimada em 326 pessoas (De Felipe: 2020), distribui-se em quatro aldeias, são elas: (i) Uyaiپیyuku, que é a mais antiga e da qual derivaram as demais aldeias; (ii) Utawana, a segunda maior; (iii) Kaupüna e (iv) Aturua. A aldeia Utawana é a mais próxima da cidade, localizada a cerca de 35 quilômetros da cidade de Gaúcha do Norte (MT) e mantém certa proximidade com as aldeias Kaupüna e Aturua, de modo que é possível se locomover de uma a outra mais rapidamente, usando carro, na época da baixa do rio, ou barco, no período de cheia. A aldeia Uyaiپیyuku, por sua vez, é a mais distante das quatro mencionadas anteriormente, e está situada a aproximadamente quatro horas de viagem de barco da aldeia de Utawana. Os dados que serviram de base para a realização desse trabalho foram coletados durante meus trabalhos de campo na aldeia Utawana, entre 2016 e 2019, e complementados com coletas realizadas na cidade de Campinas, a ocasião da vinda de alguns indígenas para esta cidade.

3. Inventário fonológico da língua Mehináku

No que se refere às consoantes, há em Mehináku 13 fonemas, que contrastam em sete pontos de articulação: o contraste das oclusivas ocorre nos pontos labial, alveolar e velar, para /p/, /t/ e /k/, respectivamente; o contraste das africadas se dá nos pontos alveolar e pós-alveolar, para /ts/ e /tʃ/; o das fricativas nos pontos retroflexo /ʂ/ e glotal /h/; as nasais nos pontos labial /m/ e alveolar /n/; as líquidas contrastam nos modos lateral /l/ e tepe /ɾ/; e as aproximantes contrastam nos pontos labial /w/ e palatal /j/ (De Felipe: 2020). Os contrastes entre os fonemas estão resumidos no quadro abaixo:

Quadro 1 – Inventário fonológico consonantal da língua Mehináku

	Labial	Alveolar	Pós-alv.	Retroflexo	Palatal	Velar	Glotal
Oclusivas	p	t				k	
Africadas		ts	tʃ				
Fricativas				ʂ			h
Nasais	m	n					
Lateral		l					
Tepe		r					
Aproximante	w				j		

Fonte: (De Felipe: 2020, com adaptações)

No que concerne às vogais, é importante apresentar não apenas o inventário fonológico, mas também o fonético, sobretudo porque nesse último é possível visualizar a forma de manifestação da nasalização nas vogais dessa língua. Foneticamente, há 21 fones em Mehináku, da forma como se vê a seguir:

Quadro 2 – Inventário fonético vocálico da língua Mehináku

	Anterior				Central			Posterior			
Alta	i	i:	ĩ	ɪ	ɨ	ɨ:	ĩ	u	u:	ũ	ʊ
Média-alta	e	e:	ẽ								
Média-baixa	ɛ	ɛ:	ẽ		ɐ						
Baixa					a	a:	ã				

Fonte: (De Felipe: 2020, com adaptações)

Desse total, 5 (cinco) são fonemas: /i/, /e/, /ɨ/, /a/, /u/ (destacados em negrito no Quadro 2); 10 estão em variação livre: [ɪ], [ʊ], [ɛ] e [ɐ] e [i:], [e:], [ɛ:], [i:], [a:] e [u:]; e os outros 6 fones, [ĩ], [ẽ], [ẽ], [ĩ], [ã] e [ũ], são frutos de nasalização regressiva, que atinge segmentos à esquerda de consoantes nasais, conforme a proposta que defendo. Em virtude dos objetivos deste artigo, vou tratar somente da nasalidade nas seções seguintes, mas o leitor interessado em compreender melhor as vogais em variação livre, pode acessar De Felipe (2020).

4. Nasalidade em Mehináku

O processo de nasalização em Mehináku pode ser de dois tipos: fonético e fonológico. O primeiro tipo ocorre quando as vogais orais se nasalizam na contiguidade de consoantes nasais primárias, enquanto o segundo tipo ocorre quando as vogais recebem nasalidade independentemente da presença de consoantes nasais, razão pela qual são interpretadas como vogais inerentemente nasais (De Felipe: 2020). A seguir, discuto esses dois tipos, apresentando exemplos de cada um e argumentando em favor da minha proposta.

4.1. Nasalidade fonética

A nasalidade fonética é o tipo mais comum na maioria das línguas do mundo. Segundo Maddieson (1984), 99% das línguas têm vogais marcadas pelo traço de nasalidade. Em Mehináku, há duas consoantes inerentemente nasais: a labial /m/ e a coronal /n/, que estão em oposição, dentro da classe das soantes, com as soantes não-nasais /w/, /j/, /l/, /r/, e que engatilham o processo de nasalização fonética das vogais na língua. Essas nasais podem ocorrer com todas as vogais fonológicas e em todas as posições da palavra.

Conforme mencionei anteriormente, Corbera Mori (2009) defende que a nasalidade fonética é progressiva em Mehináku, já que, segundo o autor, ela se espalharia da esquerda para a direita, ou seja, a consoante nasal do ataque silábico seria a responsável por nasalizar o segmento vocálico seguinte, que ocuparia o núcleo, como mostram os dados a seguir, em que destaco em negrito o espalhamento possivelmente progressivo proposto pelo autor:

(1)

['m ãpa]	‘mel’	[ĩ n ã m ã]	‘mais’
[kiripãku'ti]	‘meleca’	[i'tan ã]	‘sua asa’
[n ēmũn ã 'pai]	‘estou cheio’	[a' m ĩn ã]	‘frio’
[m ĩ' m ã]	‘cabaça’	['m ũtu]	‘armadilha de peixe’
[n ũta'i]	‘corda’	[ip'uin ĩ 'tsai]	‘ovo de tracajá’

Considero, contudo, que em Mehináku a nasalidade fonética não é progressiva, mas regressiva. Isto é, defendo que o traço de nasalidade da consoante nasal se espalha da direita para a esquerda: é o segmento vocálico precedente à consoante nasal o afetado pelo traço de nasalidade advindo dos segmentos /m/ e /n/. Reorganizados os mesmos dados apresentados

em (1) de acordo com minha proposta, teríamos o seguinte panorama, em que as vogais que compõem o Núcleo da sílaba cujo Ataque contém uma consoante nasal não são nasalizadas:

(2)

['mapa]	‘mel’	[ĩ 'nāma]	‘mais’
[kirĩŋa 'kuti]	‘meleca’	[i 'tāna]	‘sua asa’
[nēmũna 'pai]	‘estou cheio’	[ã 'mĩna]	‘frio’
[mĩ 'ma]	‘cabaça’	['mutu]	‘armadilha de peixe’
[nu 'tāi]	‘corda’	[ip'ũĩni 'tsai]	‘ovo de tracajá’

Apresento alguns outros exemplos de palavras em que é possível visualizar a nasalidade regressiva:

(3)

[ēnu 'tʃitʃa]	‘trovão’	[nu 'pēne]	‘meu parente’
[tāma 'kaj]	‘costas’ (NPOSS)	[mã 'ma]	‘mãe’
[pulānũ 'maj]	‘barba’ (NPOSS)	[āna 'ti]	‘pilão’
[nĩ 'jānu]	‘minha cunhada’	[kũnu 'ti]	‘fechadura’

Essa proposta parece ser mais adequada para o tratamento da nasalidade fonética na língua Mehináku por dois motivos: primeiramente, porque se alinha com o que ocorre em boa parte das demais línguas Arawak no que tange à nasalidade fonética (Aikhenvald 1999): o padrão de nasalidade fonética é regressivo; depois, porque as análises acústicas que realizei evidenciam que, embora haja resquícios de nasalidade na vogal núcleo da sílaba que contém uma consoante nasal em Ataque, o que é esperado para vogais que circundam consoantes nasais, a nasalidade é mais saliente na vogal que precede as consoantes nasais [m] e [n].

A seguir, apresento uma análise acústica preliminar dos dados do Mehináku. Para a realização dessa análise, utilizei somente as palavras que continham vogais iguais precedendo e seguindo a consoante nasal espalhadora do traço de nasalidade, a exemplo de: [ĩnāma] ‘mais’, [ājāmakuma] ‘veado grande (boi)’, e [etenetei] ‘remo pequeno’. Do conjunto de palavras apresentado por Corbera Mori (*op.cit.*), descartei aquelas cuja vogal a ser medida compunha ditongo com vogais altas, como [kamai] ‘doente’, uma vez que pretendia evitar que a altura da semivogal interferisse na qualidade da vogal adjacente a ser medida. A análise evidenciou que, ainda que tanto a nasal que precede quanto a que segue as consoantes nasal

[m] e [n] apresentem traços de nasalidade, o valor de F2 é mais alto nas vogais que antecedem tais consoantes nasais.

Vogais nasais tendem a apresentar valores mais elevados de F2 que as orais quando considerados os parâmetros de posição indicados anteriormente (vogais iguais precedendo e seguindo a consoante nasal espalhadora do traço de nasalidade). Por isso, o valor mais alto do segundo formante parece indicar maior nasalidade nesses segmentos².

O quadro abaixo resume os valores dos formantes das palavras [ĩnãma] ‘mais’, [ãjãmakuma] ‘veado grande (boi)’ e [etẽnetei] ‘remo pequeno’. Essas palavras são representativas de outras também medidas, cujos valores são parecidos. Repare que a palavra [ĩnãma] apresenta F2 com 175Hz maior na pré-nasalizada, [ãjãmakuma] apresenta 147Hz maior e [etẽnetei] apresenta 40Hz maior na vogal que precede a consoantes nasal:

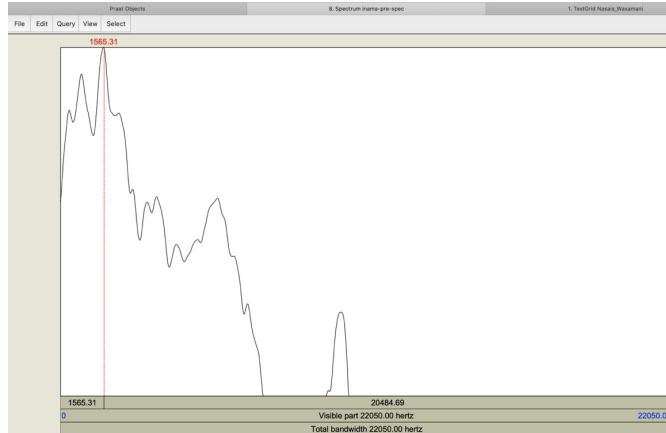
Quadro 3 – Valores dos formantes de vogais pré e pós consoantes nasais

	Palavra	F1 (em Hz)	F2 (em Hz)	F3 (em Hz)
1	[ĩnãma] (pré)	769	1565	2119
2	[ĩnãma] (pós)	746	1390	2038
3	[ãjãmakuma] (pré)	423	1601	2104
4	[ãjãmakuma] (pós)	705	1454	2156
5	[etẽnetei] (pré)	331	1233	2029
6	[etẽnetei] (pós)	388	1193	1983

2 É relevante frisar, entretanto, que embora a análise acústica apresentada aponte para a hipótese de nasalidade fonética regressiva em Mehináku, uma análise mais aprofundada, utilizando um conjunto maior de palavras, precisa ser feita para confirmar tal hipótese. Os dados apresentados por Corbera Mori (2009) foram coletados e analisados de oitiva pelo autor, dado o contexto da própria coleta de dados: as aldeias indígenas Mehináku. Os dados que apresento aqui, embora tenham sido, pela primeira vez, tratados em laboratório - e por isso estão sendo apresentados como hipótese concorrente para os dados de nasalidade em Mehináku, já que do ponto de vista da descrição linguística não há trabalhos dessa natureza com essa língua - foram coletados no mesmo ambiente, razão pela qual estão igualmente suscetíveis à influência de ruídos externos do local em que foram elicitados. Uma análise acústica mais robusta, utilizando um conjunto maior de palavras e em ambiente mais controlado é ainda necessária.

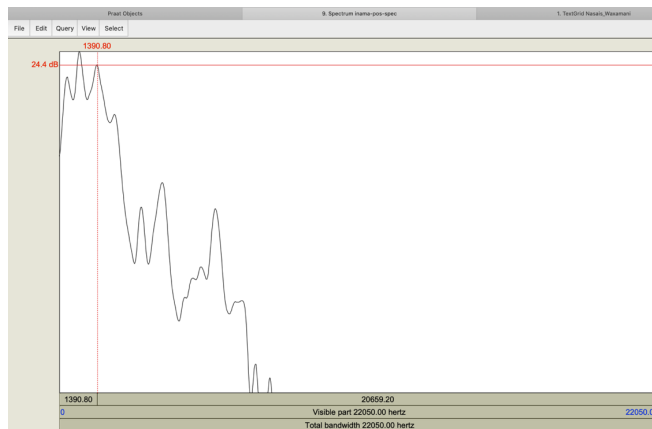
A seguir, apresento também os *spectrums* de comparação entre as vogais pré e pós nasalizadas nas palavras destacas no quadro, a fim de que o leitor possa observar a diferença apresentada anteriormente³.

Figura 1 – *Spectrum* de F2 da vogal que antecede a consoante nasal [m] na palavra [mãma] ‘mais’



Fonte: (De Felipe: 2020)

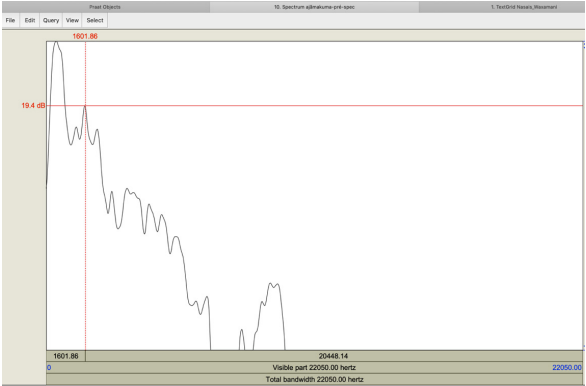
Figura 2 – *Spectrum* de F2 da vogal que sucede a consoante nasal [m] na palavra [mãma] ‘mais’



Fonte: (De Felipe: 2020)

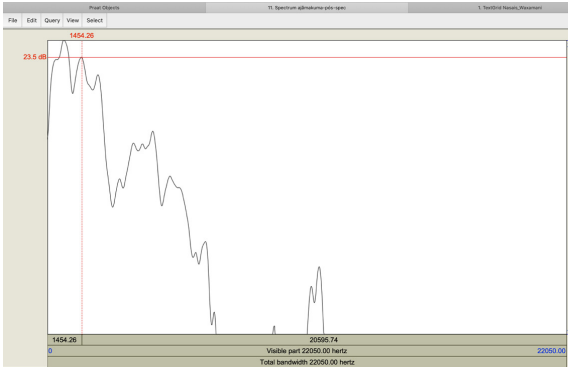
3 Apresento apenas os *spectrums* porque nos espectrogramas não é possível visualizar com clareza o valor de F2, uma vez que não há a opção *move cursor to nearest peak*. Os parâmetros de análise foram: máximo de formantes: 5000Hz/ número de formantes: 5.0 (para falante do sexo masculino).

Figura 3 – *Spectrum* de F2 da vogal que antecede a consoante nasal [m] na palavra [ãjãmakuma] ‘veado grande (boi)’



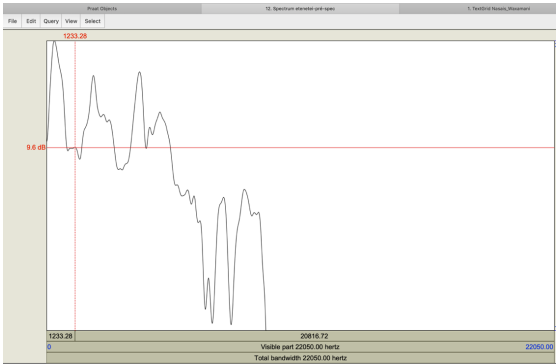
Fonte: (De Felipe: 2020)

Figura 4 – *Spectrum* de F2 da vogal que sucede a consoante nasal [m] na palavra [ãjãmakuma] ‘veado grande (boi)’



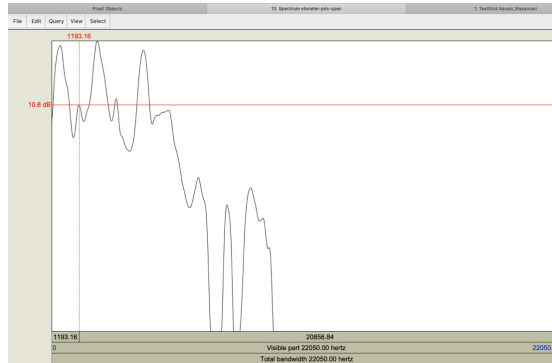
Fonte: (De Felipe: 2020)

Figura 5 – *Spectrum* de F2 da vogal que antecede a consoante nasal [n] na palavra [etēneteĩ] ‘remo pequeno’



Fonte: (De Felipe: 2020)

Figura 6 – *Spectrum* de F2 da vogal que sucede a consoante nasal [n] na palavra [ãjãmakuma] ‘remo pequeno’



Fonte: (De Felipe: 2020)

Ainda a respeito do espalhamento de nasalidade, uma questão interessante de se observar em Mehináku é que há dois conjuntos de consoantes que atuam de formas distintas: um deles bloqueia a nasalidade, isto é, impede que ela se espalhe para os segmentos adjacentes (opacas); e outro permite o espalhamento, razão pela qual consideramos que essas consoantes são transparentes ao espalhamento. As consoantes opacas à nasalidade fonética em Mehináku são /p, t, k, ts, tʃ, ʂ, l, r/, enquanto as consoantes /w, j, h/ são transparentes. Exemplos do primeiro conjunto podem ser vistos em (4), enquanto do segundo conjunto podem ser vistos em (5), abaixo:⁴

(4)

/p/:	[ip'ũĩni'tsai]	‘ovo de tracajá’
/t/:	[itãnu'le]	‘primo dele’
/k/:	[nukã'nati]	‘minha boca’
/ts/:	[pi'tsãna]	‘tua asa’
/tʃ/:	[pitʃãmalu'pila]	‘tua panela grande de barro’
/ʂ/:	[kuzũme'pei]	‘púbis’
/l/:	[walã'ma]	‘sucuri’
/r/:	[kirĩɲa'kui]	‘meleca’

4 As nasais /m, n/, gatilhos da nasalidade fonética, não bloqueiam, obviamente, o processo de nasalização em Mehináku, permitindo seu espalhamento, conforme em:

/m/:	[pũmãmala'wiku]	‘vocês acabaram’
/n/:	[nĩ'ɲãɲu]	‘minha cunhada’

(5)

/w/:	[nũ'wāna]	‘meu braço’
/j/:	[ipĩjũ'naku]	‘tua garganta’
/h/:	[nũjũhĩjã'mepe]	‘minha sobranceira’

Os esquemas arbóreos abaixo exemplificam o processo de nasalização fonética, tanto de forma opaca quanto transparente, na língua Mehináku. Repare que a consoante lateral [l], na palavra *walama* ‘sucuri’ (6), bloqueia o espalhamento, ao passo que a consoante [j] da palavra *ajama* ‘veado’ (7), transparente, o permite:

Quadro 4 – Consoantes opacas e transparentes à nasalidade em Mehináku

(6)

C	V	C	V	C	V
w	a	l	ã	m	a

|
|

[-nas]
[+nas]

(7)

V	C	V	C	V
ã	j	ã	m	a

|
|
|
|

[+nas]

Fonte: (De Felipe: 2020)

Em De Felipe (2020), mostro que, acusticamente, a transparência/opacidade da nasalidade pode ser percebida pela comparação dos valores de F2 em palavras como [ãjãmakuma] ‘veado grande’, comparando os valores dessa frequência para as três vogais [a] iniciais dessa palavra: a que antecede o segmento transparente ao espalhamento da nasalidade ([j]); a que segue o segmento transparente [j] e antecede a consoante nasal [m], portanto mais afetada pela consoante nasal; e a que segue a consoante nasal [m]. Os valores em hertz de F2 das três vogais mencionadas são os seguintes:

Quadro 5 – Valores de F2 das vogais nasalizadas [a] da palavra [ãĩãmakuma] ‘veado grande’

ã	j	ã	m	a	kuma]
ã		ã		a	
1581		1601		1454	

Podemos notar, pelos dados do quadro acima, que o valor de F2 da vogal que antecede o segmento transparente [j] é somente menor do que o valor da segunda vogal da palavra, que antecede a consoante nasal [m], e, portanto, é obviamente afetada por ela via nasalidade regressiva. A vogal que aparece depois da consoante nasal, por outro lado, apresenta F2 menor que as duas outras mencionadas (que antecedem [m]). O valor mais alto de F2 para as vogais que antecedem [m] parece indicar que essas vogais são mais afetadas pela nasalidade que a vogal que segue essa consoante. Em síntese, no que tange à nasalidade fonética em Mehináku, proponho, até que se possa observar e analisar laboratorialmente um conjunto maior de dados, que as vogais que ocorrerem antes de uma consoante nasal serão, necessariamente, nasalizadas em Mehináku.

Isso implica discordar de Corbera Mori (2009) no que tange à direção da nasalidade fonética em Mehináku, já que minha proposta é de que ela seja regressiva, enquanto a do autor é de que ela seja progressiva. Por outro lado, concordo com o autor em relação ao estatuto das vogais nessa língua, já que também assumo que não há um conjunto de vogais orais separado das vogais nasais, mas apenas vogais orais que, a depender do contexto, ocorrem de forma nasalizada. Isto é, há somente os segmentos vocálicos orais /a/, /e/, /i/, /ɨ/ e /u/ como fonemas, sendo os demais casos fruto de alofonia por nasalização, dada a assimilação do traço [+nasal] da consoante nasal que segue essas vogais.

Na seção seguinte, trato da nasalidade fonológica.

4.2. Nasalidade fonológica

Diferentemente da nasalidade fonética, cujo traço de nasalidade é fruto de espalhamento advindo de outro segmento nasal adjacente, a nasalidade fonológica ocorre quando as vogais recebem nasalidade independentemente da presença de consoantes nasais em seu entorno. Essas vogais são consideradas, por isso, inerentemente nasais. Conforme mencionei anteriormente, minha hipótese a respeito da nasalidade fonológica coaduna com a proposta por Corbera Mori (2009) no que tange à proposta de explicação da nasalidade, mas ao mesmo tempo vai de encontro à ideia do autor em relação à direção dessa nasalidade. Por isso, nesta seção, assim como fiz na seção anterior sobre a nasalidade fonética, complemento a proposta de Corbera Mori, apresentando dados adicionais, e mostro em que situações discordo da proposta do autor para a nasalidade fonológica.

Assim, apresento abaixo dois conjuntos de dados: um conjunto já apresentado pelo autor, conforme em (8), abaixo (Corbera Mori 2009: 219):

(8)

[kũ'jũti]	‘testículo’	[kuĩ'ã̃ku]	‘coruja’
[tulũ'ĩ]	‘orelha (NPOSS)’	['pãĩ]	‘casa’
[ku'wã̃pi]	‘máscara de cabaça’	[a'kãĩ]	‘pequi’
[auna'kĩ]	‘história’	[etene'tẽĩ]	‘remo pequeno’
['weũ]	‘escaravelho’	[ã̃tipi'ku]	‘curto’
[ĩ ⁿ 'tai]	‘arco’	[i'hĩ ⁿ :ti]	‘mamilo’
['pãĩfa]	‘coma!’	[wi'tsẽĩ]	‘lagarta’
[hĩ'ka]	‘cigarro’	[apapa'jẽĩ]	‘bichos’
[e'şũ]	‘cigarra’	[kiẽ'iki]	‘escorregadio’
['kĩhĩ]	‘facão’	[hũtu'kũ]	‘coruja buraqueira’

E um conjunto novo de dados, como em (9), coletado em meus últimos trabalhos de campo:

(9)

[kule'pẽ]	‘sujeira’	[kula'tã]	‘quentura’
[nĩmi'rã]	‘meu suor’	[nĩhĩ'ti]	‘carne’
[wapalakũ'mã]	‘abacaxi’	[tsũkaha'ki]	‘mosquito’
[e'zũti]	‘mosquito’	[ka'lũti]	‘estrela’
[katũpa'lulu]	‘viúva’		

Note, pelos dados apresentados, que apesar de algumas vogais serem nasalizadas, não há consoante nasal primária engatilhadora de nasalidade em sua contiguidade, como ocorreu nos dados de nasalidade fonética. A nasalidade fonológica ocorre sem a presença desse tipo de segmento. Por isso, partindo do pressuposto de que essa nasalidade é inerente às vogais, é preciso investigar de onde possivelmente viria essa nasalidade. Na subseção seguinte, argumento em favor de uma hipótese para a nasalidade fonológica.

4.2.1 Hipótese para a nasalidade fonológica não contrastiva

Corbera Mori (2009) defende que a nasalidade é não contrastiva em Mehináku. O autor, em defesa de sua proposta, discute o padrão silábico

da língua que, segundo ele, é (C)V, não permitindo consoantes em Coda⁵. Sendo a coda silábica proibida na língua, não poderia haver segmentos nasais primários nessa posição, estando presente, nessa posição, uma consoante nasal debucalizada, subjacente, e sem ponto de articulação [N]. Segundo Corbera Mori, como o licenciamento prosódico prevê que todas as unidades fonológicas devem ser prosodicamente licenciadas, ou seja, associadas a uma estrutura superior, as palavras com vogal nasal incluem na estrutura silábica subjacente uma consoante nasal pré-associada a uma unidade temporal na camada melódica, mas que não pode ser silabificada na posição de Coda, por conta da restrição imposta pela língua (Corbera Mori 2009: 220).

Uma vez que não pode ser licenciada, a única maneira dessa consoante aparecer, para o autor, é espalhando seu traço nasal sobre a vogal que a precede (nasalidade regressiva, portanto). Se tomarmos como certa a hipótese do autor, então a representação fonológica dos itens em (8) e (9) seria como em (10) e (11), abaixo:

(10)

/kujuN'ti/	‘testículo’	/kuri'aNku/	‘coruja’
/tu'luiN/	‘orelha (NPOSS)’	/'paiN/	‘casa’
/ku'waNpi/	‘máscara de cabaça’	/a'kaiN/	‘pequi’
/auna'kiN/	‘história’	/etene'teiN/	‘remo pequeno’
/'weuN/	‘escaravelho’	/aNtɪpi'ku/	‘curto’
/iN'tai/	‘arco’	/i'hiNti/	‘mamilo’
/'paiNtʃa/	‘coma!’	/wi'tseiN/	‘lagarta’
/hiN'ka/	‘cigarro’	/apapa'jeiN/	‘bichos’
/e'ʃuN/	‘cigarra’	/kije'iNki/	‘escorregadio’
/'kihiN/	‘facão’	/huNtu'kuN/	‘coruja buraqueira’

5 Em De Felipe (2020: 126), de fato mostro que o padrão silábico da língua Mehináku é (C)V, sendo somente o Núcleo, que pode ser simples (V) ou complexo (VV), preenchido obrigatoriamente por uma vogal, que pode ou não estar acompanhada por uma consoante no Ataque. A Coda da sílaba, entretanto, nunca é preenchida. Fonologicamente, o Ataque da sílaba é preenchido pelas oclusivas /p, t, k/, as africadas e fricativas /tʃ, ts, ʃ, h/, as nasais /m, n/, e as aproximantes /w, j/ em posição inicial absoluta. A lateral /l/ e o tepe /r/ somente ocorrem no Ataque interno da sílaba da palavra, juntamente com todos os demais fonemas que podem figurar em posição inicial absoluta, que também ocorrem nessa posição.

(11)

/kule'peN/	‘sujeira’	/kula'taN/	‘quentura’
/ni'miraN/	‘meu suor’	/nihiN'ti/	‘carne’
/wapalakumaN/	‘abacaxi’	/tsuNkaha'ki/	‘mosquito’
/e'ʃuNti/	‘mosquito’	/ka'luNti/	‘estrela’
/katuNpa'lulu/	‘viúva’		

Tomando como parâmetro os dados acima, é possível afirmar que a nasalidade fonológica não opõe vogais nasais e orais em Mehináku, como já dito, uma vez que a nasalidade presente nas palavras acima seria decorrente do espalhamento de uma consoante nasal fonológica subjacente, como proposto por Corbera Mori (2009). Na esteira dessa hipótese, a consoante subjacente deixaria um vestígio de nasalidade na vogal que a precede e essa vogal, por ser transparente ao processo de nasalização, permitiria o espalhamento da nasalidade aos segmentos vocálicos em sua adjacência. Tomando como exemplo a palavra [pãĩ] ‘casa’, o [ĩ], nasalizado pela nasal subjacente, permitiria o espalhamento da nasalização para [ã], que ocupa o núcleo da sílaba dessa palavra.

A hipótese de Corbera Mori (2009), apesar de não acompanhar evidências históricas que sustentem a presença de um segmento nasal debucalizado, pode encontrar guarida em dados de reconstrução histórica. Esses dados, contudo, embora apontem para a existência, de fato, de uma consoante nasal apagada diacronicamente, parecem localizar essa consoante no Ataque da sílaba seguinte à vogal nasal no Mehináku atual, e não na Coda, conforme proposto pelo autor.

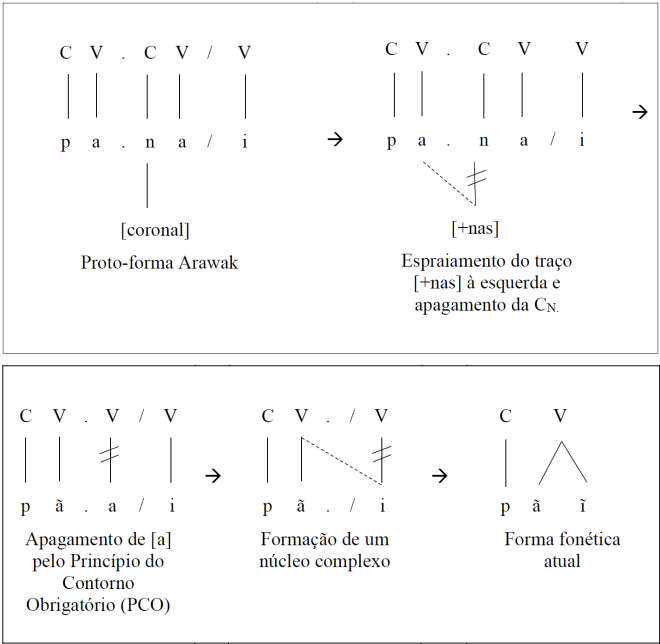
A fim de ilustrar essa questão e propor uma hipótese alternativa, retomo Payne (1991), cujo trabalho ajuda na compreensão da hipótese de uma consoante nasal apagada ao longo do tempo. Payne (1991), por meio da compilação de 24 línguas de cada um dos ramos da família Arawak, propôs uma reconstrução preliminar de 203 conjuntos de cognatos. Os dados apresentados por Payne (1991) para o Proto-Arawak parecem revelar, de fato, uma consoante nasal apagada. Essa consoante, contudo, ocupava o Ataque da sílaba seguinte à vogal atualmente nasalizada em Mehináku, como mencionei anteriormente. Do conjunto de palavras proposto por Payne (1991), apresento abaixo algumas que julgo ilustrativas do processo de nasalização fonológica, comparando-as com as palavras da língua Mehináku atual:

(12)

Proto-Arawak	Mehináku atual	
*pa[n]a/i-	['pãĩ]	‘casa’
*[n]ika	['ãĩtʃa]	‘comer’
*du[m]i	['tãĩ]	‘filho’
*ne[n]e	['nẽĩ]	‘língua (órgão)’
*ke[n]i	['tẽĩ]	‘berne’

Os dados acima evidenciam que a consoante nasal que ocupava o Ataque silábico no Proto-Arawak, como a nasal [n], em *pa[n]a/i-, por exemplo, não existe no Mehináku atual. No entanto, é possível perceber que essa consoante deixou um vestígio de nasalidade sobre a vogal núcleo da sílaba que, no passado, a precedia, e esse vestígio da nasal apagada diacronicamente pode ser visto nos dados atuais da língua Mehináku, a exemplo da palavra ['pãĩ]. Em De Felipe (2020), de posse dos dados do Proto-Arawak e do Mehináku atual, forneço a seguinte proposta de derivação para a palavra ['pãĩ] ‘casa’⁶:

Quadro 6 – Proposta de derivação da forma [pãĩ] do Proto-Arawak para o Mehináku atual



6 Derivações parecidas, com as devidas correções de estrutura silábica, podem ser fornecidas para as demais palavras em relação à nasalidade fonológica, o que parece atestar que houve, de fato, um apagamento diacrônico do segmento nasal [N], de modo que esse segmento deixou apenas vestígios de nasalidade no estágio atual da língua Mehináku.

Em síntese, embora a proposta de Corbera Mori esteja correta em relação à existência de uma nasal subjacente apagada, os dados do Proto-Arawak sugerem uma correção do local de manifestação dessa consoante nasal. Defendo, por isso, que a nasal apagada estava no Ataque da sílaba que segue a vogal nasalizada do Mehináku atual, e não na Coda, como proposto por Corbera Mori (2009).

De qualquer forma, chamo atenção para a importância de considerarmos, aqui, minha proposta de nasalidade regressiva, já que, considerando essa hipótese, haveria uma simetria entre os processos de nasalidade fonética e fonológica, uma vez que, independentemente do local de manifestação da consoante nasal apagada (se de acordo com minha hipótese ou a de Corbera Mori), o traço de nasalidade se espalharia da direita para a esquerda, explicando as formas nasalizadas das palavras atuais. Acredito ser essa uma proposta mais econômica, já que uma mesma direção da nasalidade seria aplicada a todos os casos de nasalidade – fonético ou fonológico.

Mas, retomando a questão da existência de uma nasal apagada na diacronia da língua, gostaria de acrescentar uma evidência interessante como prova da existência desse segmento, encontrada na morfofonologia do Mehináku: as formas possuídas da palavra [pãĩ] ‘casa’. Quando são acrescentados a essa palavra os proclíticos pronominais de primeira e segunda pessoa do singular, temos as seguintes formas:

(13)

[pãĩ] ‘casa’	<i>ni</i> = ‘pĩna	1SG=casa	‘minha casa’
	<i>pi</i> = ‘pĩna	2SG=casa	‘tua casa’

Note, nos exemplos apresentados acima, que a nasal alveolar [n], apagada na forma despossuída ao longo da diacronia, figura na superfície das formas possuídas da língua Mehináku atual.

Finalmente, é importante tratar, ainda, do modo como a nasalidade fonológica modifica os segmentos em sua adjacência. Corbera Mori (2009: 220) defende que o alvo da nasalidade fonológica é inicialmente o núcleo do padrão silábico (C)V, e que ela se projeta não apenas sobre uma vogal, mas se espalha por uma sequência de vogais até encontrar um segmento opaco que seja bloqueio ao seu espalhamento. Para o autor, operam como segmentos opacos as consoantes /p, t, k, ts, tʃ, ʃ, m, n, l, r/, e transparentes os segmentos /w, j, h/. A direção do processo, segundo o autor, é regressiva, afetando a vogal que precede a consoante nasal subjacente /N/, diferentemente do

que ele havia proposto para a nasalidade fonética, que seria progressiva. As palavras abaixo ilustram os processos de transparência e opacidade na proposta do autor:

(14)

/nu'tajN/	[nu'tãĩ]	‘meu filho’
/hijaN'lu/	[hĩjã'lu]	‘gavião’
/ahaNpi'na/	[ãhãpi'na]	‘redondo’
/i'wiNtsi/	[ĩ'wĩtsi]	‘coração’
/awna'kiN/	[auna'kĩ]	‘história’
/i'ʃuNte/	[ĩ'ʃũte]	‘mosquito’
/jauhiN/	[jãũhĩ]	‘mandi’
/i'jaN/	[ĩ'jã]	‘ralador’
/etene'taiN/	[etẽne'tẽĩ]	‘reminho’
/me'heheN/	[mẽ'hẽ:hẽ]	‘cozinha/anexo da casa’

Concordo com o autor em relação aos segmentos opacos e transparentes, já que as consoantes /p, t, k, ts, tʃ, ʃ/ e os segmentos /w, j, h/ são opacos e transparentes, respectivamente, também no processo de nasalidade fonética. No entanto, discordo em relação ao alvo da nasalidade, que segundo minha hipótese não é o núcleo do padrão silábico (C)V, mas qualquer segmento vocálico que preceda a sílaba seguinte que contém uma consoante nasal em Ataque, obedecendo a uma regra do tipo: /V/ → [Ṽ]/ __ \$C_NV, em que uma vogal se torna mais nasal sempre que precede uma sílaba cujo segmento em Ataque é uma consoante nasal (C_N). Além disso, também não considero as consoantes nasais /m/ e /n/ como opacas ao espalhamento da nasalidade, mas engatilhadoras.

5. Conclusão

Neste artigo, discuti a questão da nasalidade na língua Mehináku (Arawak), apresentando exemplos de nasalidade fonética e fonológica nessa língua. A respeito da nasalidade fonética, defendo que seu espalhamento se dá da direita para a esquerda, ocorrendo, portanto, de forma regressiva, e atingindo vogais à esquerda de uma consoante nasal, diferentemente do que havia proposto Corbera Mori (2009).

No que tange à nasalidade fonológica, proponho em consonância com Corbera Mori que ela é também regressiva, mas discordo do autor

em relação ao local de manifestação da consoante nasal responsável pela nasalidade de algumas vogais na língua. Enquanto o autor propõe que a nasalidade fonológica de vogais é orientada pela perda de uma consoante nasal que estava presente na Coda da sílaba, defendendo que essa nasalidade é fruto de uma consoante nasal que no passado figurava no Ataque da sílaba seguinte à vogal nasalizada no Mehináku atual.

A respeito da oposição entre vogais orais e nasais em Mehináku, concordo com o Corbera Mori (2009), e discordamos, portanto, de Silva (1990), quando considero que não haja em Mehináku oposição entre vogais orais e nasais no sistema da língua.

Esse trabalho, assim como o proposto por Corbera Mori (2009), embora apresente análises iniciais a respeito do processo de nasalidade na língua Mehináku, é o primeiro desse tipo a analisar, ainda que em um conjunto limitado de dados, esse fenômeno em uma das três línguas Arawak xinguanas. Por essa razão, apesar das propostas ainda carecerem de aprofundamento, que só novos trabalhos de campo e análises acústicas mais acuradas poderiam permitir, elas fornecem um panorama interessante desse fenômeno na língua Mehináku, e permitem uma compreensão maior a respeito da fonologia desse idioma.

Referências

- Aikhenvald, Alexandra. 1999. The Arawak language family. In: Dixon, R. M. W. & Aikhenvald, Alexandra (eds.). *The Amazonian languages*. (pp. 65-102). Cambridge: Cambridge University Press.
- Carvalho, Fernando Orphão de. 2016. Internal and Comparative Reconstruction in Yawalapiti: Palatalization and Rule Telescoping. *International Journal of American Linguistics*, v. 82, 285-316.
- Corbera Mori, Angel Humberto. 2006. Relações entre grafemas e segmentos nos vocabulários Waurá e Mehináku de Steinen (1866[1940]). *Revista de Estudos da Linguagem*. UESB. Bahia, n.3, 143-157.
- Corbera Mori, Angel Humberto. 2009. Sobre a nasalidade de vogais em Mehináku. *Estudos linguísticos*, São Paulo, 38(1), 213-222.
- Corbera Mori, Angel Humberto. 2012. Waurá e Mehináku: um breve estudo comparativo. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, 41 (1), 196-205.
- Maddieson, Ian. 1984. *Patterns of Sounds*. Cambridge University Press.

- Mujica, Mitzila I. 1992. Ortega. *Aspectos fonológicos e gramaticais da língua Yawalapiti (Aruak)*. 1992. Dissertação (Mestrado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- Myazaki, N. 1965. *The Waura and Mehinaku - Ethnological Study of two Aruak tribes in the Upper Xingu, State Mato Grosso, Brazil*. Manuscrito. Japan, Tóquio.
- Myazaki, N. 1966. *The Waurá and Mehinaku*. Tese (PhD in Linguistics). University of Tokyo.
- Payne, David L. 1991. A classification of Maipuran (Arawakan) languages based on shared lexical retentions. In Derbyshire, Desmond C. & Pullum, Geoffrey K. (eds.). *Handbook of Amazonian Languages* (vol. 3, pp. 355-499). Berlin, New York: Mouton de Gruyter.
- Postigo, Adriana Viana. 2014. *Língua Wauja (Arawak): uma descrição fonológica e morfossintática*. 2014. Tese (doutorado em Linguística). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara.
- Richards, Joan. 1988. A estrutura verbal Waurá. *Série Linguística*, vol. 2, n. 9, 192-218.
- Richards, Joan. 1973. Dificuldades na análise da posseção nominal na língua Waurá. *Série Linguística*, n. 1, 11-29.
- Richards, Joan. 1977. Orações em Waurá. *Série Linguística*, n. 7, 141-184.
- SILVA, Teresa Cristina De Souza. 1990. *Estudo Preliminar Da Fonologia Da Língua Mehináku*. Dissertação de mestrado. UNB, Brasília, 49f.